

Papéis encontrados numa bolsa feminina: a prosa de Néstor Perlongher

Prof. Ms. Antonio Andrade¹ (CPII/FAC-CCAA/UERJ)

Resumo:

No limiar entre ficção, crônica e testemunho, a prosa narrativa de Néstor Perlongher – compilada nos livros Prosa plebeya (Buenos Aires, 1998), Evita vive e outras prosas (São Paulo, 2001) e Papeles insumisos (Buenos Aires, 2004) – configura-se como uma instigante dissidência em relação aos discursos políticos e literários historicamente canônicos na Argentina. Este trabalho pretende avaliar a tensa junção entre hibridismo, neobarroco, paródia e abjeção, que na prosa perlongheriana funciona como modo de crítica simultâneo ao peronismo e à desmarginalização da subjetividade gay, requerida pelos principais movimentos de militância homossexual.

Palavras-chave: Narrativa contemporânea, homoerotismo, militância.

1.

O interesse pela poesia de Néstor Perlongher me leva também a escrever sobre a sua prosa. Leva-me a buscar os limiares que surgem a todo tempo em sua obra entre o poético e o narrativo. Essa conformação mista das formas textuais e dos interesses contidos tanto em um quanto em outro gênero pode servir como um modo de aproximação em relação a este autor, cujo entrelaçamento entre produção literária, atividade político-militante e vida acadêmico-científica me exige desenvolver uma leitura transdisciplinar, passando necessariamente por pólos de pensamentos os mais variados.

Ler os escritos em prosa de Perlongher, dispersamente publicados ao longo dos anos 70, 80 e inícios dos 90, faz pensar imediatamente sobre o seu modo de participação no debate em relação à causa gay, ou seja, na sua perspectiva quase sempre dissidente quanto às políticas de afirmação homossexual que tiveram maior projeção no decorrer dessas últimas três décadas. O que diferencia fundamentalmente a voz afirmativa de Perlongher do que constitui o lugar comum das vozes afirmativas do *Gay Power* norte-americano, repetido muitas vezes pelos grupos de defesa da minoria homossexual latino-americanos, é que a sua afirmação é uma afirmação da margem, e não a vontade de instauração de um estereótipo de homossexual “bem comportado” que seguisse uma espécie de padrão reprodutor dos lugares já previamente definidos pela classe média heterossexual.

Evidentemente, esse tipo de proposta em Perlongher é tributária do pensamento de Michel Foucault, para quem, segundo a perspectiva de Daniel Link, “la ‘identidad homosexual’ sería, por la lógica cultural y por la dinámica histórica del deseo, refractaria a toda estabilización (una ‘comunidad imposible’)” (LINK, 2005, p. 305). Nesse sentido, a homossexualidade só poderia ser pensada, nas palavras de Foucault, “no como forma de deseo, sino como algo deseable. Debemos encarnizarnos en llegar a ser homosexuales y no en descubrir que lo somos” (apud LINK, op. cit.). E paga tributos ainda ao pensamento de Gilles Deleuze, vide, por exemplo, o modo como Adrián Cangi compara ambos os autores: “No hay en Deleuze ni en Perlongher un elogio de la pureza sino una plena aceptación de la impureza, que a través del juego de lo actual y lo virtual, establece la condición de posibilidad de los simulacros” (CANGI, 2004, p. 11). Esse não-elogio da pureza aparece de forma explícita no artigo intitulado “La desaparición de la homosexualidad”, onde Perlongher relaciona o surgimento da *Aids* ao processo de controle da sexualidade gay, avaliando que a imposição de uma prática sexual “limpia” e “desinfectada” faz com que a homossexualidade se dilua na vida social, até desaparecer por completo a sua potência reativa.

De maneira imediata o diálogo com Deleuze faz a escrita de Perlongher confluir também em direção a Félix Guattari, pensador que, segundo o escritor argentino, “propone una mirada transversal que dé cuenta de la simultaneidad y multiplicidad de los deseos y las cosas”

(PERLONGHER, 2004, p. 150). Desse modo, é importante notar que o próprio discurso narrativo de Perlongher se hibridiza não só pela incorporação de outros gêneros literários canônicos, mas também pela entronização de discursos filosóficos, como o de Guattari, o qual ele não só parodia, em “¿A qué vino de París Mr. Félix Guattari?”,

¿A qué vino de París la Princesa Margy? Los dividendos políticos de su tournée, amén de *duvidosos*, se deliran como más o menos clásicos. Tras transar con el operario católico que se las da de autonomista – un chongo conciente, aunque aclara que él, que tiene una moral muy rígida, no da.” (PERLONGHER, op. cit., p. 166),

como também barroquiza, exatamente pelo fato de colocar a discursividade filosófica em tensão com a linguagem poética:

Si el valor teórico de lo emitido (demandado) resulta escaso, no lo es su petrensión metafórica: la de leer en el pasaje de unas metáforas la cristalización de ciertos enunciados (¿ocultos?). Pero no por el vértice: ya que les veía asomar la naricilla chula en los resquicios de ese triángulo, que es como el río del puente de Lezama, el de la escritura “gorda” (PERLONGHER, op. cit., p. 154).

Há aí uma desterritorialização do narrativo pela incorporação do filosófico e ao mesmo tempo uma desarticulação do discurso filosófico pela intervenção de inúmeros “sobrecódigos metonímicos”. O texto por isso mesmo é genericamente híbrido, pois começa em forma epistolar – note-se a presença de algumas marcas de interlocução, tais como “Estimado Mr. Guattari”, “Muchas gracias por la depresión que nos está produciendo” e “Perdóneseme” –, logo se converte numa espécie de conjunto de aforismos filosóficos – inclusive os parágrafos possuem anotações laterais que remetem a textos teóricos escritos de modo fragmentário – e termina como um tipo de crônica da passagem de Guattari pelo Brasil, imiscuída a declarações de Lula sobre prostituição e homossexualismo e reflexões sobre a Guerra das Malvinas. Tais anotações, além de servirem como apontamentos críticos em tom de ironia, assinalam o modo de composição heteróclito do texto. No fragmento anotado como “vías/ historia”, Perlongher indica esse deslizamento entre leituras e discursividades ao longo do seu próprio percurso:

De lo que hasta entonces sólo aludíase, o decíase tímidamente: era ahora – en el *Antiedipo* – de ese deseo que se hablaba. Llegamos a Guattari/Deleuze vía Hocquenghem, vía *scientia sexualis*: vía FLH¹ – reterritorialización a la violeta. (PERLONGHER, op. cit., p. 156)

2.

É interessante notar que para Perlongher não só a leitura e a produção escrita servem como forma de aprendizagem e de deslocamento de saberes. A militância em partidos e organizações de luta contra a opressão representou também, nas décadas de 60 e 70, um modo de expressão de toda uma geração à qual Perlongher, quase simultaneamente, se aproxima por sua vontade de confronto e se distancia por detectar nesses movimentos um perigoso e iminente risco da guetificação. Tal questão já foi apontada por Osvaldo Baigorria, para quem “Perlongher tenía el suficiente instinto político como para advertir que en lo gay se encerraba el proyecto de construcción de un ghetto, un corral para domesticar al deseo, un alambre de púas para evitar las fugas con que el deseo hacía estallar la normatividad heterosexual imperante” (BAIGORRIA, 1996, p. 176).

Através da produção poética, Perlongher fornece exemplos de como sua relação com esses movimentos militantes e com as forças sindicais e partidárias nunca se estabeleceu sobre uma base fixa que corresponderia à fé alienante em qualquer discurso político. Por isso mesmo o poema “Siglas”, mistura burlesca de poema e prosa, incluído na coletânea *Prosa Plebeya*, está composto como um jogo metonímico e proliferante: “Entonces confías en el FRP, junto a restos de la ARP,

¹ Sigla que identifica ao grupo militante *Frente de Liberación Homosexual de la Argentina*.

nostálgica del PVP, del FLP y, por qué no, de la UP”² (PERLONGHER, 1997, p. 211). Esse poema bufo, que reconstituiria a história da esquerda argentina na década de 60, demonstra o deslizamento de formas e conteúdos ideológicos em um sem-fim de instituições que surgiram e desapareceram, ou se transplantaram para outras arrastando e acumulando um imenso restolho de discursos.

Nesse texto, encena-se, é claro, a dissidência do próprio autor, quem, apesar de ter tido uma grande inserção na *Frente de Liberación Homosexual de la Argentina*, abandona a posição clássica de militante, mas não exatamente a militância, e começa a empreender um outro tipo de “provocação” através dos campos dos estudos antropológicos, da poesia, da prosa de ficção e do testemunho. Ou seja, deixa de apregoar panfletos de afirmação da identidade, o que significa ainda criticar de modo irascível discursos e instituições que se aproveitaram populistamente dessas bandeiras, para se aprofundar nos processos de marginalização, não apenas com interesse investigativo, mas vivenciando-os. A prosa narrativa perlongheriana aporta amostras de como as experiências na cidade e nos lugares de peregrinação homossexual são fundamentais para a desconstrução dos parâmetros impostos pelas elites *gays* de países de Primeiro Mundo, que desconsideram, conforme avalia Perlongher em *O negócio do michê*, o “multimorfismo das homossexualidades” latinas (cf. PERLONGHER, 1987, p. 61-62).

Curiosamente o relato que gostaria de destacar doravante, segundo nota explicativa de Adrián Cangi e Reynaldo Jiménez, haveria sido possivelmente descartado de *O negócio do michê* justamente por não obedecer ao padrão acadêmico de uma tese de doutorado. Esse relato, intitulado “Transcripción de una transa”, só seria então publicado muito depois na coletânea *Papeles insumisos*. Nessa transcrição, indicada pelo autor como o “Testimonio de Waldemar”, narra-se o encontro noturno de rua, em São Paulo, entre um michê e um cliente. Portanto, é importante notar, neste e em outros textos de Perlongher, o modo como a sua prosa entrega-se ao aspecto narrativo a princípio não interessado em fazer juízos analíticos sobre a posição dos seus atores, bem como sobre as condições sociais que condicionam suas relações. Pelo contrário, parece que o narrador aí se importa mais em fazer o relato assumir determinadas características de conto erótico, tanto que, a partir da metade do texto, a narrativa passa a ser integralmente em primeira pessoa. Mas, confirmando assim a intencional imbricação entre testemunho, narração e autoria, é como se continuasse a falar aí o narrador, agora na voz de W.

3.

A transcrição aparece como modo simultâneo de composição narrativa e de transfiguração da voz autoral mais de uma vez nos relatos em prosa de Perlongher. Em “El informe Grossman”, texto assinado com o pseudônimo Rosa L. De Grossman – numa nítida paródia à figura histórica da filósofa marxista polonesa Rosa Luxemburgo –, aparece a seguinte nota:

Estos escritos fueron encontrados en la cartera de la señora Rosa L. (Luxemburgo o Lonardi, según las cédulas), que desapareció en pos de su marido desaparecido, el judío Grossman.

Transcripción: Néstor Perlongher. (PERLONGHER, 2004, p. 92)

De certo modo, através da idéia de transcrição, é possível provocar o afastamento do discurso autoral em relação ao fato narrado, abrindo assim o texto para a possibilidade múltipla de carnavalização dos eventos históricos contemporâneos ao autor. Por isso, todo o texto se compõe como uma forma de paródia, em primeiro lugar, ao estilo dos informes e artigos produzidos durante o regime nazista, o fascista e nas ditaduras militares. Consecutivamente, parodia-se a ação das tropas militares argentinas e inglesas nas Malvinas. E tal paródia encontra sua melhor forma

² Essas siglas correspondem respectivamente às seguintes organizações: *Frente Revolucionario Peronista*, *Acción Revolucionaria Peronista*, *Partido Vanguardia Popular*, *Fuerzas Populares de Liberación* e *Unión Popular*. Perlongher, ao final do poema, agradece ironicamente a colaboração de todas as organizações na constituição do texto.

narrativa por meio de um duplo processo de transcrição. Além dos escritos do pseudônimo Rosa L., transcrevem-se os testemunhos de dois *maricones* argentinos que participaram da batalha lutando pelo “Ejército de Liberación Homosexual de las Malvinas”. Tais relatos ficcionalizados reconstroem o pacto de veracidade do testemunho, no entanto, com o nítido intuito de ridicularizar a imagem do governo militar, além do próprio sentido daquela disputa.

Esse tipo de ridicularização paródica, encontrado nos relatos narrativos de Perlongher, em muitos pontos se assemelha à “anarco-forma”³ adotada por Oswald de Andrade no livro *Serafim Ponte Grande*. Não só por constituir uma forma narrativa completamente desarticulada, mas sobretudo pela paródia contínua de todas as instituições possíveis, o texto de Oswald configura uma visão libertária que apresenta tanto a “inversão” da pederastia quanto a inversão da inversão – a exemplo da passagem em que a personagem lésbica Caridad se surpreende ao sentir atração por um homem. E Serafim também transcreve o diário de Caridad: “Lambeu minha tatorana. Nunca pensei que fosse tão agradável!” (ANDRADE, 1984, p. 121).

Utilizando ainda uma expressão oswaldiana, poderíamos dizer que o grande interesse da prosa de Perlongher também é o de “pederastar”⁴ o texto. Ou seja, nele a imposição de diversas formas de fetiche homossexual e de marginalidades, que se encontram imbricadas, como uma contaminação, em todas as instituições do Estado, aparecem ora para criticar a incompreensibilidade dos atos repressores que ferem a liberdade, ora para demonstrar a incoerência entre discurso e prática, entre a construção de papéis sociais e a impossibilidade de conter o desejo marginal. Esse pode ser ainda um modo produtivo de se ler o conhecido conto de Perlongher, “Evita vive”, no qual há três diferentes narradores em primeira pessoa, cujos relatos também se apresentam como a transcrição de testemunhos de uma *marica*, um *drogadicto* e um *taxiboy* que transam e se drogam na companhia de Evita. Claro que o conto, com isso, satiriza todo o discurso que envolve a mítica ex-primeira dama argentina e faz com que sua imagem permaneça viva e santificada principalmente para as classes populares. O próprio Perlongher, ao final do conto, introduz uma nota dizendo que os textos que o compõem jogam em torno da literalidade da mistificadora consigna peronista “Evita vive en cada hotel organizado” (slogan do Movimento de Inquilinos Peronistas), fazendo, como ele mesmo diz, “aparecer a Evita ‘viviendo’ situaciones conflictivas y marginales” (PERLONGHER, 2004, p. 66).

Dessa forma, retoma-se aí o discurso contra Evita empreendido pelos militares ao longo dos dois primeiros governos de Perón, a saber, o da sua ilegitimidade tendo em vista o passado de filha bastarda e atriz. Como bem aponta Claudia Soria, em *Los cuerpos de Eva*, “Para los militares, Eva es la amante de Perón, una puta (...) que el ‘indiscreto’ militar ha osado introducir a la escena política” (SORIA, 2005, p. 132). Em outras palavras, Perlongher utiliza a imagem mais carismática e fetichizada do peronismo contra a opressão militar e ao mesmo tempo trata de pederastar essa mesma imagem para não cair na sublimação discursiva que dessexualizou o corpo da mulher Eva para transformá-la na “santa mãe dos pobres”. Talvez assim ele consiga escapar à dicotomia entre militares x peronista, direitista x esquerdistas, que principalmente naquela época dividia o país. Provavelmente também seja exatamente por esse motivo que a sua forte crítica gay militante cause grande polêmica até hoje dentro dos meios de discussão que não conseguem reduzi-la a um lugar de filiação claramente identificável.

³ Termo cunhado por Haroldo de Campos (1984) no ensaio “Serafim: um grande não-livro”.

⁴ Cf. essa expressão utilizada por Oswald de Andrade, no capítulo “Os antropófagos”, em *Serafim Ponte Grande*.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Global, 1984.
- [2] BAIGORRIA, Osvaldo. La rosa mística de Luxemburgo. In: CANGI, Adrián et al. *Lúmpenes peregrinaciones: ensayos sobre Néstor Perlongher*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1996, p. 175-180.
- [3] CAMPOS, Haroldo de. Serafim: um grande não-livro. In: ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Global, 1984, p. 142-172.
- [4] CANGI, Adrián. Papeles insumisos: imágenes de un pensamiento. In: PERLONGHER, Néstor. *Papeles insumisos*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2004, p. 7-32.
- [5] LINK, Daniel. *Clases: literatura y disidencia*. Buenos Aires: Norma, 2005.
- [6] PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- [7] ----- . *Prosa plebeya*. Buenos Aires: Colihue, 1997.
- [8] ----- . *Papeles insumisos*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2004.
- [9] SORIA, Claudia. *Los cuerpos de Eva: anatomía del deseo femenino*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2005.

Autor(es)

¹ **Antonio ANDRADE, Professor Mestre**

Colégio Pedro II/ Faculdade CCAA/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CPII/FAC-CCAA/UERJ)

Departamento de línguas neolatinas modernas (CPII)

E-mail: andrade_esp@hotmail.com